



PAÍS DO FUTEBOL

Ricardo Cezar é um menino pobre que mora na favela em São Paulo. Mora com os pais e o irmão. Tem 12 anos, o irmão Rogério tem 19.

Por insistência dos pais, Ricardo estuda diariamente em uma escola na favela mesmo, mas não é isso o que mais gosta de fazer, ele gosta mesmo é de jogar futebol. Todos os dias, levanta cedo e vai para a escola, são quatro horas intermináveis, que demoram para passar. Por mais que os professores se esforcem, não adianta, Ricardo não se interessa. São vídeos, brincadeiras, conversas com os pais, visitas à direção, e nada resolve, Ricardo só vive com o álbum de figurinhas com as fotos dos principais jogadores da Seleção Brasileira, em diversos lances, em casa (e que casas!!!), em festas, em comerciais de tv.

Ao sair da escola, o menino corre pra casa, simplesmente joga todo o material sobre a cama. Cadernos, livros, apostilas ficam todos lá espalhados no pequeno espaço que ele chama de quarto, implorando para serem observados, não precisam ser conservados, como dizem os comerciais de televisão, mas precisam ser explorados, devorados, utilizados. Pobres livros! Ricardo não faz questão de conhecê-los.

A pressa toda é porque Ricardo quer almoçar o mais rápido possível, pois seu pai vai levá-lo à escolinha de futebol de um time famoso, nem é o time do coração, mas é uma oportunidade, vai acontecer uma peneira para selecionar jogadores mirins. Ricardo não quer estudar, quer jogar bola, ser famoso, ganhar muito dinheiro, ajudar sua família, ver a torcida vibrar com muitos gols, pra isso não precisa saber português, matemática, ciências, só precisa saber lidar com a bola. Além do que, seu irmão se tornou seu exemplo de que estudar não leva a nada. Rogério, o irmão, estudou de manhã até os 14 anos, quando começou a fazer alguns “bicos” para ajudar a família, passou, então, a estudar a noite, depois começou a trabalhar, terminou o segundo grau, prestou vestibular, não passou, e o máximo que conseguiu foi um emprego simples em uma empresa da cidade. Ricardo, apesar da idade, já sabe que não é isso que quer da vida.

Chegando na escolinha, Ricardo encontra vários outros meninos juntamente com seus pais, e mesmo ali, onde só o futebol é que manda, já sente a diferença daqueles que chegam de carro, com uniforme e chuteiras novas, enquanto o menino está apenas com aquela chuteira velha, com a qual joga na escola, com a também velha camiseta e um short com uma pequena falha na costura. Mas, Ricardo pensa: “Os Ronaldos da seleção também eram pobres como eu, e um dia vou ser como eles”. Após o treino, o coordenador, por sinal muito exigente, explica que vai analisá-los depois na fita que gravou, e depois vai procurar pelos pais dos garotos escolhidos, e pra isso pede o telefone de cada um, o pai de Ricardo, um pouco sem graça, passa o número do telefone da madrinha do menino, afinal um aparelho destes é artigo de luxo para um homem como ele, que já perdeu um dia de trabalho na construção civil para fazer a vontade do filho.

Ricardo volta pra casa, todo empolgado, com muita ansiedade pela notícia que virá da casa da madrinha. Naquela semana, nem vai mais à escola, mente pra mãe e vai bater uma bolinha com outros garotos da sua idade que também estão matando aula.

O pai fica completamente esperançoso com os passes que o menino deu, e tem certeza que o coordenador da “peneira” também deve ter se impressionado. E pensando assim, dá o maior apoio ao seu garoto, que vai mudar a vida da família, que vai ser alguém.

Mas o tempo passa, uma semana, um mês, e nem uma ligação na casa da comadre. O compadre não agüenta mais ver aquele homem passar ali todos os dias



depois do expediente para saber se teve alguma ligação e resolve aconselhá-lo a desistir. O pobre homem desanima, fica triste pelo filho, e não sabe como dizer a ele mais uma vez que ninguém telefonou. Chega em casa, o filho corre ao seu encontro, com lágrimas nos olhos diz a Ricardo que não foi dessa vez, porém o menino não deve desanimar, e sim continuar jogando com os meninos do bairro, pois um dia vai conseguir.

Pelo resto da semana, Ricardo não vai novamente à escola porque está triste, na próxima semana também não irá, para treinar com os outros garotos do bairro, num outro dia vai matar aula, e assim vai continuar na terceira série, e vai perder mais um ano... E se o tempo passar, Ricardo não será um jogador profissional, apenas mais um atleta de final de semana, e como o pai, um trabalhador braçal, que pensa em mudar de vida num piscar de olhos.

Enquanto isso, seu irmão, Rogério foi promovido, está ganhando mais, ajudando a mãe, e no próximo ano vai conseguir pagar um cursinho, e quem sabe vai finalmente entrar na faculdade.

Tomara que a sociedade, o governo e a imprensa brasileira, algum dia se preocupem mais em formar Rogérios, a Ricardos.

Denise Ferreira Chimirri

11.06.2006